

RESSIGNIFICAÇÕES E RECONTOS: AS POSSIBILIDADES OUTRAS NAS ESCRITAS DAS MULHERES NEGRAS

Raiane Silva dos Anjos¹
Antonio Carlos Sobrinho²

RESUMO: Este estudo tem como objetivo investigar as possibilidades discursivas nas escritas negras, para além do lugar de denúncia, abordando-as como um espaço de articulação de força e resistência, este grito por liberdade que ressoa pelas páginas dos livros promovendo o encontro entre essa voz literária outra e uma memória afetiva. Através de análises dos poemas “Ancestralidade na Alma”, de Cristiane Sobral, e “Liberdade”, de Serafina Machado, ambos escritos no volume 35 de Cadernos Negros, procura-se estabelecer vínculos entre as vivências e as ressignificações propostas pelos escritores afro-brasileiros, dando maior ênfase à escrita das mulheres negras, visto que, por conta das fundações patriarcais, este corpo enfrentou a dupla subalternização, mas não deixou de resistir, fazendo isto de forma coletiva, individual, e das mais variadas maneiras. Na literatura, assim como na sociedade, a população negra teve um espaço limitado, sendo preciso muitas lutas para conquista de outras possibilidades, que não sejam aquelas demarcadas pela hierarquização dos corpos.

PALAVRAS-CHAVE: Escritas negras. Cadernos Negros. Poemas. Resistência. Mulheres negras.

Considerações iniciais

*A escrita que se ergue dos corpos negros
tem um sangue que corre como quem luta!*
Lívia Natália.

O lugar da palavra escrita — publicada e reconhecida como legítima — por muito tempo não era destinado a todos os corpos. Tinham-se aí demarcações de quem poderia ou não dispor deste instrumento. Era uma marca de poder que estava nas mãos de poucos, e estes queriam preservar o *status* de dominação.

Os corpos que se encontravam fora da ordem do discurso dominante produziram, e muito. No entanto, foram deslegitimados e silenciados, em especial os corpos negros por

¹ Graduanda VI semestre em Letras – Português e suas Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XVI – Irecê/Ba*.

² Doutor em Literatura e Cultura (PPGLitCult) pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Professor Substituto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XVI* e Docente do Centro Universitário Jorge Amado – Unijorge.

instaurarem outras leituras. Seus escritos interferiam diretamente na estrutura da pretensa ordem ao desestabilizarem, ao menos simbolicamente, as hegemonias estabelecidas.

Nesta hierarquia, os pobres, negros, mulheres e outros eram os corpos silenciados e, sobre eles, foram construídos de cima para baixo discursos deturpados, que servem a uma estrutura desigual de poder, legitimando uma hierarquia sócio-racial que relega corpos negros a condições infra-humanas.

Em um processo histórico de construção social do Brasil, é possível notar que, através de muito labor, os negros aos poucos estão conquistando este espaço de fala, o que significa não somente dispor em um material físico palavras ora não ditas, mas sobretudo que as palavras dispostas se transfigurem em uma forma de incomodar as instituições de poder, descortinando as violências veladas por todo o processo de invisibilidade dos corpos negros.

Por conta de toda essa tentativa de silenciamento da população negra pelo Estado, ou de quem não estivesse dentro da ordem de poder — os corpos outros, aqueles que escapam do controle —, foi necessário que se desenvolvessem processos de resistências, de modo que corpos negros, vítimas das mais variadas formas de violência, incessantemente estabelecessem formas de enfrentamento das determinações e imposições sobre sua existência.

Apesar de todos os desafios e desvantagens, a população negra brasileira há muito tempo escreve, resiste, enfrenta o pré-estabelecido e publica seus textos. Mesmo que o mercado editorial os desfavoreça.

Os escritos afro-brasileiros são permeados vastamente pela lógica da reversão, tendo em vista que, ao abrirem os desvios na literatura por meio de estratégias, usam da possibilidade conquistada para denunciar e reverter a imagem estereotipada do negro, atrelada ainda a muitos imaginários criados pela não aceitação da diferença.

Nesta lógica de reversão de estigmas e estereótipos racistas, que atravessam as escritas negras, surgem constantemente questões a serem analisadas na literatura a respeito de um ponto de vista eurocêntrico sobre os corpos negros na sociedade, assim sendo, os escritores afro-brasileiros sugerem em seus escritos novas possibilidades discursivas para estes corpos outros.

As demandas vão desde a exposição de sentimentos, visto que o corpo negro na literatura era tratado até então, superficialmente, ao desejo de se encontrar, usando assim a literatura como processo de resistência e sobrevivência, uma desmontagem da lógica do

corpo como objeto. Até mesmo o desejo de mudança de vida, um modo de escapar das representações vazias.

As urgências do contemporâneo, no que dizem respeito ao olhar sobre os indivíduos negros, bem como articulações e propagações de discurso sobre estas pessoas, fizeram surgir processos de acionamentos literários, como experimentações artísticas que demandaram, acima de tudo, uma postura política na tentativa de promover uma intervenção/mobilização na sociedade a partir do diálogo entre ficção e realidade, ocorrendo, assim, desde os primeiros apontamentos da literatura afro-brasileira.

Desta forma, os escritores afro-brasileiros assumem essa postura de rasura com os paradigmas estabelecidos, visto que o corpo negro sofreu, e sofre, com a subalternização, que o levou violentamente a uma condição de infra-humanidade. A possibilidade de criar discursos sobre si foi adquirida com muita resistência e luta, por serem estes discursos uma forte maneira de desestruturar as relações de poder instauradas.

Pelas artes da escrita no Brasil serem dominadas, em imensa maioria, pelos homens brancos elitizados, os corpos negros e, principalmente, os corpos femininos negros não dispõem de muito espaço e legitimidade. Mas, mesmo assim, se articulavam para poder escrever em periódicos, segundo Florentina Souza (2010, p.1), para quem tais meios “constituem, desde o século XIX, uma das vias de expressão mais usadas pelos afrodescendentes no Brasil”.

Um desses periódicos que possibilitou um lugar de fala negro, e que já se estrutura como uma tradição no âmbito literário, é *Cadernos Negros*, que teve sua primeira publicação em 1978. O grupo era formado por jovens militantes negros que tinham interesse em produzir, mas tinham obstáculos relacionados à dominação branca elitizada na literatura, além dos altos custos de produção. Assim, de forma coletiva — irmanados — produzem há quarenta anos essa resistência, rasurando o panorama literário desde a década de lançamento.

Nota-se que táticas são fundamentais para propagar uma voz. Neste sentido, as mulheres negras, vítimas da dupla subalternização, produziram um movimento de diálogo entre a militância negra e a mobilização feminista, visto que seus corpos estavam localizados nesta encruzilhada entre racismo e machismo e os dois movimentos separadamente não respondiam todas as suas questões.

Ao escrever, as mulheres negras instauram uma rasura dupla, como afirma Davis (2017, p. 29), fazendo menção a uma fala de Chisholm, que foi a primeira mulher a lançar candidatura para concorrer à presidência dos Estados Unidos: “Em certo sentido, sempre nos

encontramos no fim da linha. Neste país, nem o movimento negro propriamente dito, nem o movimento de mulheres propriamente dito têm pautado os problemas políticos das pessoas negras que são mulheres”.

Este artigo investigará nos poemas *Ancestralidade na alma*, de Cristiane Sobral, e *Liberdade*, de Serafina Machado, ambos escritos em *Cadernos Negros*, volume 35, o lugar de força potencializado pelas mulheres negras na literatura, pensando em como estes poemas são produzidos para tensionar o pré-estabelecido, subvertendo, assim, a ordem da autoridade da fala.

1 As forças irmanadas em *Cadernos Negros*

Cadernos Negros possibilitaram uma abertura para que os escritores afro-brasileiros rasurassem os limites impostos pela elitização branca. Eles usaram da força coletiva para agirem, estabelecendo diálogos entre as suas questões e a sociedade, o que conseqüentemente fortaleceu um público leitor, até então estereotipado. Conquistaram, através/a partir de *Cadernos Negros*, possibilidades discursivas de muita potência.

Para poder estabelecer tais conexões foram necessárias estratégias, já que um só corpo era impedido ao extremo de escrever, seja por conta dos custos de publicação, pela deslegitimação deste como ser humano, ou até mesmo pela falta de interesse institucionalizado. Foi preciso que estes escritores fomentados pelo anseio de responder às questões assumidas pelo compromisso literário e organizassem em coletivos para escapar do processo de silenciamento.

Para tanto, uma das alternativas possíveis foram os periódicos, e *Cadernos Negros* vêm, desde 1978, seja pelos contos ou pelos poemas, reunindo escritores comprometidos com os discursos desestuturantes da ordem instaurada. Segundo Conceição Evaristo (2009, p. 27): “Ao se pensar em uma criação contemporânea de escritores (as) empenhados (as) em uma afirmação coletiva de vozes negras, se destaca o trabalho do Grupo Quilombhoje, de São Paulo, responsável pela criação dos **Cadernos negros** [...]”

Através das forças irmanadas, as escritoras negras e os escritores negros construíram uma produção vigorosa que se estende desde então, alcançando espaços antes não afetados, marcando uma postura de resistência e visibilizando esta população que a violenta organização social e histórica tentou calar.

Mas muitos outros espaços precisam ser atingidos e, por isso, o processo de resgate e construção de uma identidade negra continua cada vez mais tomando corpo, “rasgando” as

fronteiras, mesmo contra toda a contenção histórica. Por isso, estratégias como *Cadernos Negros* são/serão sempre necessárias para fomentar a resistência.

2 Quanto à edição...

A edição de número 35 de *Cadernos Negros* tem como temática “Democracia racial”, que marca uma intencionalidade em questionar o mito da democracia racial brasileira, mito este que fundamentou a construção social do país a partir dos anos de 1930, além de naturalizar mais ainda as práticas racistas.

É incontestável afirmar que não se vive uma democracia de raças no Brasil, visto que, observando os índices de empregabilidade, pobreza, ou outros indicativos de vulnerabilidade e desigualdade social, vê-se que os corpos negros estão em desvantagem, com possibilidades de crescimento limitadas pela configuração social brasileira. Há uma distância considerável entre os grupos étnicos-raciais.

Falar em democracia racial, neste caso, é falar sobre hipocrisia, porque esta inverdade escamoteia a situação de inferioridade conferida aos corpos negros, reforçando imaginários racistas já tão institucionalizados na sociedade. São práticas que são ignoradas por conta da naturalização dos discursos preconceituosos, o que gera diretamente a desvalorização e a deslegitimação das lutas em andamento.

A democracia racial não existe como realidade social no Brasil. Mas, ela existe como discurso que orienta um determinado imaginário de Brasil. Por isso, enfrentá-la é fundamental.

E, assim, os 22 escritores da referida edição enlaçam, das mais variadas formas, seus poemas à crítica a este discurso hegemônico que maquia um problema muito sério da sociedade, e isto, conseqüentemente, consagra o racismo como algo superado. E, na verdade, não é.

Ignorar o racismo é fortalecê-lo. Então, é preciso distanciar-se de teorias e práticas que asseguram uma unidade no trato com as diferenças raciais, como bem escreveu Schwarcz (2010, p.35): “Talvez seja mais produtivo enfrentar o mito, o ‘mito da democracia racial’ e entender por que ele continua a repercutir e a ser ressignificado entre nós”. Enfrentar o mito e as outras formas de velamento do racismo é o que os escritores de *Cadernos Negros*, e de outras publicações de autoafirmação e denúncia como esta, fazem no decorrer de suas páginas: de maneira nenhuma se acomodam com o que está comumente instaurado.

3 Transfigurações de “nãos”

O ritmo do poema *Ancestralidade na alma*, de Cristiane Sobral, é marcado pela repetição do “não” pelo eu-lírico, advérbio de negação que, no contexto do poema, é usado para negar a ordem de silenciamento, negar o lugar imposto para a mulher negra, negar os estereótipos, negar a subalternização:

Eu **não** olho para o chão
Minha alma **não** está nos meus pés
Não sou bicho de estimação
(SOBRAL, 2012, p.40)

A negação aí proposta pode ser entendida também como uma negativa a todos outros “nãos” (contenções) recebidos pelos povos/corpos negros em sociedade. É chegada a hora de também dizer **não**, não de uma maneira excludente como fora feito, mas de uma forma que, ao dizer “não”, marque uma posição de liberdade.

A escrita negra, principalmente das mulheres negras, foi/é subalternizada e menosprezada, como afirma Livia Natália (2011, p.7) sobre a ausência afro-feminina no cânone: “A acintosa ausência de mulheres negras no cânone literário brasileiro pode ser justificada mais pelos processos de invisibilização e minoração do valor estético de seus textos que por qualquer questão relativa à sua potência criadora”.

Em meio a tantos *nãos*, o ritmo da negação é “quebrado” na última estrofe do poema, para produzir uma afirmação: *escrevo...* e toda a estrofe segue a mesma postura, marcando este que poderia ser o *sim*, como se fosse preciso desconstruir, para ser construído de uma outra forma, uma transfiguração dos *nãos* como um lugar de afirmação. Tem-se na última estrofe:

Escrevo palavras negras
Tatuando a ancestralidade na alma
Para refletir a nossa luz.
(SOBRAL, 2012, p.40)

Escrever palavras negras, como referência aos escritos que se erguem destes corpos, é também uma marca ideológica, que se firma ao assumir o compromisso político com as questões que o permeiam, estabelecem “quebras” na reprodução em massa dos discursos estereotipados, uma quebra diante da sociedade ao dizer aquilo que não é para ser dito, aquilo que incomoda por rasurar os lugares criados e fixados para cada corpo na sociedade.

Ao tatuar a *ancestralidade* na alma, o eu-lírico afirma esta ancestralidade que, além de ser uma reverência e uma referência aos que vieram antes, é também a ancestralidade

abraçada a um processo de resistência, afirmando, por certo, as lutas daqueles que, arriscando até mesmo a própria vida, não se acomodaram com a situação violenta a que foram submetidos.

Foram estas pessoas que possibilitaram, através de seus enfrentamentos, melhores condições para seu povo e para as gerações futuras, abriram caminhos, iniciaram de alguma forma as rasuras. Dessa maneira, os discursos agora apresentados são discursos construídos sob muito sangue e coragem.

Tatuar pode ser entendida, neste caso, como uma criação e uma possível perpetuação de uma memória afetiva que interliga e evidencia as lutas e as vivências; uma herança construída que não deve ser esquecida, perpassa o processo escravocrata e todas as formas de subalternização do negro — o que é preciso que se fale, denuncie, mas, também, é necessário que não se esqueçam de todas as reações e combates desse povo que se fez forte e iniciou uma corrente forte. E essa potência deve ficar marcada, porque ela se quer viva e pulsante na alma.

Essa escrita como lugar de luta também pode ser notada no poema *Liberdade*, em que o eu-lírico aponta a questão do silenciamento, ou da tentativa de um silenciamento, que é subvertido pela inquietação de dias mais luminosos para os corpos negros:

Empunho as minhas mãos
Minhas asas estão curadas
Posso (re)lutar, (re)voar, (re)voltar
Escapar às paredes de silêncio
(MACHADO, 2012, p.151)

Empunhar a mão como um ato de quem empunha uma arma... para escrever. As palavras dizem o agora para salientar um passado de muita contenção. A tentativa violenta de silenciamento — processo que deslegitimava a voz desviante —, reduzia os corpos negros à uma condição de “não-pessoa”.

No entanto, este condicionamento está sendo rasurado por estes indivíduos, que de forma nenhuma aceitaram a subalternidade, apesar da coação sofrida. Eles articularam métodos de sobrevivência e resistência e não se calaram diante da dor, como Serafina Machado, em *Liberdade*, descreve:

Mas minha língua afiada
Não pôde ser silenciado
Dou meu testemunho
— E minha voz é perigosa
(MACHADO, 2012, p. 151).

Voz perigosa esta que constrói novas leituras, desestabiliza as estruturas construídas com o intuito de manter cada grupo em seu devido lugar, diz o que não era para ser dito. Violências que deveriam ficar omitidas para mascararem uma sociedade preconceituosa são, assim, “escancaradas” nas obras literárias.

4 Possibilidades de ressignificações e recontos

“Posso (re)lutar, (re)voar, (re)voltar” — possibilidades de uma asa curada, que outrora fora quebrada para impedir o voo daquele que é livre, que foi desumanizado e privado da liberdade por ser o corpo outro, fora da ordem instaurada, que, desalmado e amaldiçoado, deveria servir sempre.

Mas as novas lutas, os novos voos, as novas revoltas estão em iminência para assim reescreverem a verdadeira história deste povo; nas palavras encontraram uma aliada para luta, fizeram das lágrimas pontos de exclamação. São estes anseios na escrita das mulheres negras que Ana Rita Santiago (2012, p. 163) reitera:

A literatura afrofeminina, neste sentido, pode ser considerada como um processo contínuo de (re) invenções de memórias, histórias e narrações sobre identidades, femininos e feminismos negros. Há nela um “retorno” dinâmico ao passado, ou seja, há um reconto de memórias ressignificadas, aliado a cenas de histórias, sonhos, vivências e resistências, no passado e no presente, vislumbrando cenas e agendas que gerem sonhos e conquistas no futuro.

Os seus escritos são assim, um reencontro afetivo, bem como uma reescrita daquilo que foi mal dito, como assegura Serafina Machado, em *Liberdade*, que apesar das violências sofridas, desistir de lutar nunca foi uma opção. Se prendiam o corpo, usavam a voz; se continham a voz individual, convoca-se um coletivo, e assim sempre articulavam e organizavam formas de não se renderem.

São corpos em travessia, construindo um diálogo entre o processo violento do passado com os desmandos do presente, e as consequências para um futuro próximo, bem como reiteram os enfrentamentos feitos com as lutas contemporâneas e com as possíveis produções de uma memória afetiva no futuro de todas essas batalhas.

Reescrevem não somente uma nova ótica na literatura, como também contestam os discursos oficiais sobre a participação do negro na formação da sociedade brasileira, como afirma Conceição Evaristo (2009, p. 24):

Entretanto, com bem menos visibilidade, existe, no interior mesmo da literatura brasileira, uma gama de produções que vêm se

afirmando, aos poucos, como um discurso diferenciado ao compor personagens negras e seus enredos. Discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil.

Tem-se, desta forma, a possibilidade de ressignificação e de recontos que marcam a postura política da literatura afro-brasileira, reitera o compromisso étnico e político assumido pelos escritores, produtores de vínculos estéticos com a realidade social.

Considerações finais

As lutas estão em andamento, porque o racismo/machismo e outras vertentes preconceituosas também estão. Os processos de resistências estão cada vez conquistando mais força, os insubmissos escritores assumiram o compromisso por seu nome, e em nome de todos que vieram antes. Seja com o sangue, ou com a palavra inauguraram aberturas que estão sendo aproveitadas e ampliadas.

A palavra adquirida é pensada não somente como a construção de um discurso sobre si, tendo em vista que isso já vem sendo construído no Brasil de uma forma ou de outra desde o século XIX, mas mostrar que o processo de tomada de consciência étnico-racial vem rasurando a literatura, que é atravessada por imaginários racistas. Não houve silêncio, apesar dos processos de silenciamentos que estão sendo vencidos por estas estratégias negras de produção de um lugar de fala autoral.

Atribuir significado novo é recuperar a história de um povo, reavivar os enfrentamentos, e, acima de tudo, um processo de democratização. Constitucionalmente, os direitos são iguais, e, assim, deveria ocorrer socialmente. Esta ressignificação é urgente, no entanto, não é fácil, uma vez que é mais simples seguir a lógica dominante do que produzir um discurso contra as hierarquias.

Assim, observa-se a importância de um comprometimento literário assumido por autores afrodescendentes que, a partir de seus discursos desviantes, tratam deste lugar outro para além dos estereótipos, mas desconstruindo-os e potencializando falas destoantes, uma forma de desestabilizar as hegemonias estabelecidas. Ser negro em uma sociedade fundamentada e alimentada cotidianamente no preconceito exigiu deste grupo muita força de resistência.

A busca por um engajamento/acionamento literário da população indesejada pelo Estado se fez necessário para reverter o indiferentismo — causa e consequência de

subalternização —, propondo um desmonte de paradigmas instalados pelos séculos afins, questões ansiadas pelo público leitor, também negro e colocado à margem, que se via representado na literatura afro-brasileira.

A referência a todas as lutas passadas possibilitou novas aberturas de fendas no silenciamento, permitiu a rasura de fronteiras outras, esta ancestralidade na alma que estabeleceu um encontro com a liberdade. Atuar nas brechas está sendo uma potente estratégia de desmonte da inferioridade racial.

Referências

DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

NATÁLIA, Livia. Poéticas da diferença: A representação de si na lírica afro-feminina. *Literafro*. Belo Horizonte, s.d. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/154-livia-maria-natalia-de-souza-santos-poeticas-da-diferenca>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. *Cadernos Negros: democrisia racial brasileira*. v. 35. São Paulo: Quilombhoje, 2012.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas / BA: UFRB, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz K. Raça como negociação. Sobre teorias raciais em finais do século XIX no Brasil. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, Florentina. 30 anos de leitura. *Literafro*, Belo Horizonte, s.d. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/129-florentina-souza-30-anos-de-leitura>>. Acesso em: 15 fev. 2019.